

MIMESE, VEROSSIMILHANÇA E CATARSE: contribuições de Aristóteles aos estudos literários.

Tiago Mendes de Oliveira¹
Sandro Luíz Bazzanella²

RESUMO: Aristóteles é o primeiro autor a escrever especificamente sobre literatura e sobre teatro, em sua obra intitulada “Poética”, cuja influência continua sentida até a atualidade, inclusive, em outras artes, como o cinema. Este ensaio visa elencar algumas contribuições do pensador grego antigo Aristóteles aos Estudos Literários, com destaque para os conceitos de mimese, verossimilhança e catarse. Para tanto, se valeu de uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativo, na obra do autor, bem como de comentadores. Em um primeiro momento, faz-se a apresentação do autor e sua obra sobre a arte poética, depois apresenta-se os conceitos de mimese, verossimilhança e catarse. Ao descrever a arte poética de seu tempo, o pensador lançou bases para a produção artística e a reflexão sobre ela, continuando atual e pertinente.

Palavras-chave: Estética. Poética. Mimese. Verossimilhança. Catarse.

ABSTRACT: Aristotle is the first author to write specifically about literature and theater, in his work entitled "Poetics", whose influence continues to be felt until today, including in other arts, such as cinema. This essay aims to list some contributions of the ancient Greek thinker Aristotle to Literary Studies, with emphasis on the concepts of mimesis, verisimilitude, and catharsis. For that, it used a bibliographic and qualitative research in the author's work, as well as commentators. At first, the author and his work on poetic art are presented, then the concepts of mimesis, verisimilitude and catharsis are presented. When describing the poetic art of his time, the thinker laid the foundations for artistic production and reflection on it, remaining current and relevant.

Keywords: Aesthetics. Poetic. Mimesis. Verisimilitude. Catharsis.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É fato bastante conhecido que Platão (2006) “expulsa” os poetas de sua cidade ideal, por considerar a poesia falsa, mas também sedutora – visa ao prazer – e deformadora do caráter emocional. Entretanto, pela boca de Sócrates, avisa que ela poderá ser restabelecida: *“Mesmo assim, fique dito que, se a poesia imitativa que visa ao prazer*

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. E-mail: tiagomendesdeoliveira@hotmail.com.

² Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: sandroluizbazzanella@gmail.com.

pudesse apresentar um argumento que prove que é necessário que ela tenha um lugar numa cidade bem administrada, prazerosos, nós a acolheríamos porque temos consciência de que ela exerce um encanto sobre nós.” (PLATÃO, 2006). Fernando Santoro (2007; 2008) apresenta uma interessante interpretação a partir desse fato: o desafio teria sido lançado aos próprios discípulos da Academia, a escola de Platão. Neste norte, Aristóteles, como o melhor discípulo, aceitou e venceu o desafio, ao demonstrar a utilidade moral e política da poesia e ao responder as acusações imputadas por Platão a esta arte. Assim, tece uma argumentação que, não apenas descreve as formas de arte literária de seu tempo, mas procura demonstrar seu valor na formação do cidadão.

Direcionado nesta perspectiva, este ensaio visa estudar as contribuições do pensador grego antigo Aristóteles aos Estudos Literários, com destaque para os conceitos de mimese, verossimilhança e catarse. O objetivo, portanto, não é elencar a totalidade das contribuições do Filósofo Estagirita para os estudos artísticos, culturais e literários, ou mesmo para os estudos linguísticos e semióticos, o que seria impossível. Também, não se pretende fazer um estudo detalhado da obra “Poética”, de autoria do referido pensador, em seus temas e debates decantados ao longo do percurso civilizatório ocidental e, que ainda suscita na atualidade. Mas, sim, destacar alguns conceitos, ideias que continuam no debate filosófico e científico atual e contribuem para a reflexão sobre a literatura, o teatro e o cinema. Para atingir os objetivos em tela, se valeu da obra: “Poética”, em tradução de Ana Maria Valente e publicada, em Lisboa, pela Fundação Calouste Gulbenkian, importante instituição cultural lusófona, na coleção Textos Clássicos, e cuja 3ª edição é de 2008. Ademais, recorreu-se a conceituados/as comentadores/as da referida obra. Portanto, uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativo, adequado ao debate de ideias e de leitura crítica de um pensador fundamental para a tradição ocidental.

Em um primeiro momento, faz-se a apresentação do autor e sua obra sobre a arte poética, na sequência apresentam-se os conceitos de mimese, verossimilhança e catarse, em um terceiro momento se reflete sobre a perenidade da perspectiva aristotélica nos estudos literários.

ARISTÓTELES E A POÉTICA

Aristóteles é um dos mais importantes pensadores, não somente da antiguidade grega, mas da tradição ocidental. Nasceu em Estagira, na Macedônia, de onde vem seu

epíteto “Estagirita”, em 384 AEC., filho de um médico da corte do Rei da Macedônia Amintas III, chamado Nicômaco. Foi discípulo de Platão por dezenove anos e preceptor de Alexandre, imperador macedônio que dominou uma vasta região no Mediterrâneo Oriental e no sudoeste da Ásia. Não foi permitido que assumisse a coordenação da Academia, escola de Platão, provavelmente por ser estrangeiro, assim, criou sua própria escola, chamada Liceu, na qual tinha o hábito de lecionar durante caminhadas, dando origem ao termo que define sua corrente: “peripatética”. Depois da morte de Alexandre, se afastou de Atenas, pois era macedônio, e veio a falecer em 322 AEC. (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001; MARCONDES, 2008; PEREIRA, 2008)

Demonstrou interesse por todas as áreas do conhecimento de seu tempo e se propôs a fazer contribuições a elas. Diferentemente de seu mestre, se interessou pela pesquisa empírica e por questões físicas e biológicas, o que pode estar ligado ao fato de ser filho de um médico. Sua pretensão era superar o pensamento de seus antecessores, incluindo aqueles que são rotulados de pré-socráticos. As diferenças, mas também, os diálogos, entre as filosofias platônica e aristotélica marcaram o pensamento ocidental e encontram reverberações até a atualidade. Além de ter contribuído de forma expressiva para as ciências da natureza, seu trabalho se destaca na ética, na política, na lógica e na metafísica ou ontologia. (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001; MARCONDES, 2008; PEREIRA, 2008)

Parte significativa da obra de Aristóteles se perdeu, especialmente os textos exotéricos, ou seja, destinados ao público, subsistindo obras esotéricas, portanto, destinadas aos estudantes, já iniciados no conteúdo, assim como anotações para aulas feitas pelo próprio filósofo ou por seus discípulos. Ademais, em alguns casos restaram fragmentos das obras, inviabilizando o acesso ao texto completo. Todas estas questões explicam, em parte, por que os textos podem soar incompletos, áridos, repetitivos ou mesmo inconsistentes. Deve-se a Andrônico de Rodes a compilação do *corpus aristotelicum*, por volta do ano 50 AEC., em Roma. A ele se atribui, também, a criação do termo metafísica para definir o que Aristóteles chamou de Filosofia Primeira. (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001; MARCONDES, 2008; PEREIRA, 2008)

A obra “Poética” (2008) – também traduzida como A Arte Poética, Sobre a Poética... – aborda a arte que lhe dá título, suas espécies, o efeito de cada uma, os enredos, a natureza e as partes. Seu foco é a tragédia, mas também trata de outros gêneros da época, tais como a epopeia, a comédia, a ditirâmbica e a citarística (2008, p. 37). É importante

ressaltar, no entanto, que na época não havia a diferenciação que se faz hoje, de modo que o livro aborda a literatura de forma geral. É o primeiro texto filosófico a tratar especificamente o discurso literário. Nesta perspectiva, pode ser considerado, como fundador da teoria da literatura, apesar de haver referências anteriores, como em Platão. A obra não se apresenta como um tratado ou algo do gênero, mas sim, é composta de notas que seriam utilizadas nas aulas proferidas no Liceu. Ademais, considerando o extravio de parte considerável da obra de Aristóteles como acima exposto, em relação a obra em análise seu original se perdeu. O texto que se tem acesso é a compilação de diferentes manuscritos gregos, latinos e árabes realizados em meados da Idade Média, o que torna o texto limitado em certos aspectos do debate, bem como obscuro e de difícil interpretação (COSTA, 2008; JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001; MARCONDES, 2008; PEREIRA, 2008)

Apesar da influência de Aristóteles em outras áreas do conhecimento, somente no renascimento a Poética se tornou lida e estudada, e mais que isto, pensada como uma espécie de manual do fazer poético, sobretudo, da tragédia e da epopeia. Vale ressaltar que a obra se detém a estudar, sobretudo, a tragédia e a epopeia, apenas antevendo que em outro texto estudariam outros gêneros. A possibilidade de haver um segundo volume, sobre a comédia nunca foi encontrada, mas provocou a imaginação de diversos autores, como Umberto Eco (2011), que transformou a procura pela obra aristotélica sobre a comédia no argumento articulador de sua obra literária: “O Nome da Rosa”. Nos primeiros parágrafos, o autor (ARISTÓTELES, 2008) deixa claro seu objetivo com a obra: falar da arte poética em si, de suas espécies, dos efeitos destas espécies, dos enredos e das partes. Cabe ressaltar, no entanto, que a expressão poesia à época tinha um sentido mais amplo que lhe atribuímos na atualidade. Portanto, quanto Aristóteles usa este termo é em um sentido que hoje abarcaria também a ficção, portanto, sinônimo de literatura.

Assim, Aristóteles influenciou de forma evidente o que hoje é denominada teoria da literatura ou estudos literários, mas também os estudos sobre o teatro, o cinema e outras artes. Doc Comparato (2009), por exemplo, afirma que sob o ponto de vista estético e teórico, Aristóteles e sua Poética constituem um ponto de reflexão obrigatória para o estudo da dramaturgia, uma obra de conhecimento obrigatório para todos que se dedicam a escrever para cinema, televisão, teatro e outras mídias.

ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE ARISTÓTELES À TEORIA DA LITERATURA

MITO OU FÁBULA

Parte significativa do livro “Poética” (ARISTÓTELES, 2008) se dedica a estudar a tragédia, considerada por Aristóteles como a forma mais elevada de mimese artística. Ao destacar as partes deste tipo de teatro, considera que a mais importante é o mito, traduzido, também por fábula, história ou intriga. São elementos organizados de forma verossímil, se opondo a aleatoriedade da realidade. Vale ressaltar que, neste contexto, mito não significa explicação sobre a origem do mundo. Igualmente, fábula não se refere a contos infantis vividas por animais e com uma moral. O conceito apresentado na obra citada pode ser traduzido como intriga ou história. O mito é o fundamento da tragédia, mas também, da epopeia, e responsável pela peripécia e pelo reconhecimento, isto é, pelas ações tomadas pela personagem protagonista que a levarão a se confrontar com o aspecto trágico da existência e ao seu entendimento. Neste norte, a história não deve iniciar ou terminar ao acaso, mas precisa ter princípio, meio e fim, formando um todo, dentro do que o filósofo considera critérios de necessidade ou probabilidade. Assim, todas as partes devem ser necessárias, de forma que a supressão ou deslocamento, provocaria a mudança no mito ou mesmo o tornaria sem sentido, portanto, a obra deve ser um “todo”. (ARISTÓTELES, 2008)

Ser um todo é ter princípio, meio e fim. Princípio é aquilo que, em si mesmo, não sucede necessariamente a outra coisa, mas depois do qual aparece naturalmente algo que existe ou virá a existir. Pelo contrário, fim é aquilo que aparece depois de outra coisa, necessariamente ou na maior parte dos casos, e a que não se segue nada. Meio é aquilo que é antecedido por um e seguido pelo outro. Portanto, é necessário que os enredos bem estruturados não comecem nem acabem ao acaso, mas sim apliquem os princípios anteriormente expostos. (ARISTÓTELES, 2008, p. 51)

Para Aristóteles (2008), o belo não pode ser reduzido ou imenso, mas precisa ter uma extensão ideal, adequado à capacidade da memória de reter o mito e assim se efetivar o efeito mimético. O belo se relaciona com a harmonia das partes, mas também com a extensão, esta imposta pela necessidade das coisas. Cabe ao poeta, assim, escolher os elementos e organizá-los:

[...] Os limites da extensão, de acordo com os concursos e a faculdade de percepção, não são do âmbito da arte, pois, se fosse preciso apresentar a concurso cem tragédias, competiriam perante as clepsidras como aconteceu algumas vezes, segundo dizem. Pela própria natureza da acção, em matéria de duração, o limite mais amplo, desde que se seja perfeitamente claro, é sempre o mais belo. Para dar uma definição em termos genéricos, o limite conveniente da extensão é que esta seja tal que reúna, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade, a sequência dos acontecimentos, mudando da infelicidade para a felicidade e vice-versa. (ARISTÓTELES, 2008, p. 52)

Esta questão da unicidade do poema pode ser vista, conforme reforça Aristóteles (2008), nas epopeias homéricas. A *Ilíada* (HOMERO, 2013) aborda a fúria de Aquiles e a *Odisseia* (HOMERO, 2011) o retorno de Ulisses para Ítaca. Assim, tanto a epopeia, quanto a tragédia, os gêneros em cuja reflexão Aristóteles (2008) se aprofundou, devem evitar a heterogeneidade das partes e focar em um evento. Há, portanto, uma diferença com relação à História que pode abordar diversos fatos concomitantes, enquanto a poesia não. Também, neste item Homero é o exemplo de poeta, cujas obras possuem um enredo único.

Pelo exposto se torna óbvio que a função do poeta não é contar o que aconteceu mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade. O historiador e o poeta não diferem pelo facto de um escrever em prosa e o outro em verso (se tivéssemos posto em verso a obra de Heródoto, com verso ou sem verso ela não perderia absolutamente nada o seu carácter de História). Diferem é pelo facto de um relatar o que aconteceu e outro o que poderia acontecer. Portanto, a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História o particular. O universal é aquilo que certa pessoa dirá ou fará, de acordo com a verossimilhança ou a necessidade, e é isso que a poesia procura representar, atribuindo, depois, nomes às personagens. (ARISTÓTELES, 2008, p. 54)

Neste norte, a poesia se aproxima da filosofia, por representar a realidade que deveria ser e não os fatos particulares. A poesia não se caracteriza pelo uso do verso, e sim, pela abordagem do verossímil e do necessário. Ademais, o poeta não precisa se ater aos mitos tradicionais – já conhecidos do público – nem a invenção totalmente original, mas à capacidade de organizar a história. O que demonstra a contemporaneidade do pensador antigo em matéria de teoria da arte. *“De tudo isto resulta evidente que o poeta deve ser um construtor de enredos mais do que de versos, uma vez que é poeta devido à imitação e imita acções”* (ARISTÓTELES, 2008, p. 55) Aristóteles (2008) defende que os mitos com efeito de surpresa são melhores, mas devem seguir o encadeamento verossímil, evitando

por exemplo, a técnica conhecida por “*deus ex machina*”, na qual a solução do conflito aparece de forma inesperada no final da obra, sem qualquer referência anterior, portanto de maneira inverossímil e não necessária ao contexto. Nas palavras do próprio filósofo: “*é claro que o desenlace dos enredos deve resultar do próprio enredo e não de uma intervenção ex machina, como na Medeia ou como na Ilíada na altura do embarque.*” (ARISTÓTELES, 2008, p. 68)

MIMESE

O conceito de mimese – ou mímeses ou mímeses – já existia na cultura grega, mas o primeiro pensador a refletir de forma específica sobre, foi Platão. Segundo ele, a arte é uma imitação de terceira instância, pois copia a realidade sensível e esta, por sua vez, já é “sombra” das ideias ou formas primigênicas. Assim, a poesia não deveria compor a cidade ideal, pois não aproxima o ser humano da verdade, função exclusiva da filosofia. (PLATÃO, 2006; COSTA, 2008). Aristóteles (2008), no entanto, interpreta de forma oposta a questão. Para o Estagirita, a arte deixa de ser ontológica e se torna estética, a verossimilhança criticada por Platão, se torna o princípio fundamental da poesia que assume um caráter de “poderia ser”, de interpretações do real, portanto, de fábula. A mimese é a transformação da realidade em arte, através da imitação, mas de forma “criadora”.

Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações. Uma prova disto é o que acontece na realidade: as coisas que observamos ao natural e nos fazem pena agradam-nos quando as vemos representadas em imagens muito perfeitas como, por exemplo, as reproduções dos mais repugnantes animais e de cadáveres. A razão disto é também que aprender não é só agradável para os filósofos mas é-o igualmente para os outros homens, embora estes participem dessa aprendizagem em menor escala. (ARISTÓTELES, 2008, p. 42-43)

Para Aristóteles (2008), portanto, o ser humano tem a tendência natural para a imitação e esta lhe causa prazer, tanto na produção, quanto na recepção. A mimese está relacionada com a aprendizagem, também natural do ser humano na perspectiva do filósofo. Portanto, através da imitação obtemos conhecimento e, não somente os filósofos,

mas todas as pessoas sentem prazer nisso. Entretanto, o autor ressalta que somente há prazer quando conhecemos o objeto original imitado, quando podemos associar intelectualmente o modelo e a representação. Outro aspecto importante da mimese na perspectiva aristotélica é diferenciar os gêneros, pela forma como imitam as pessoas. A tragédia e a epopeia imitam os homens melhores do que ele são, portanto, serve como exemplo a ser seguido. A comédia, no entanto, representa os homens piores do que de fato são, visando provocar o riso e, através dele, levar as pessoas a agirem melhor. (ARISTÓTELES, 2008). O poeta, de forma semelhante ao artista plástico, imita a realidade e pode fazê-lo de três formas diferentes, retrata as coisas como são, como as pessoas dizem que são ou como deveriam ser. Portanto, a realidade em si, como é vista ou idealmente. Todas estas linguagens são miméticas, ligadas à ideia de representação do real, mas também poiéticas – ligadas ao fazer, ao criar – diferentes, portanto, das ações teóricas, como a filosofia, e práticas, como a ética e a política. (ARISTÓTELES, 2008)

VEROSSIMILHANÇA

A mimese artística opera no campo do possível e não do real. Portanto, a obra precisa manifestar uma coerência interna e não necessariamente copiar a realidade. Diante disto, as pessoas podem ser representadas como melhores do que são (nas tragédias e epopeias, por exemplo), como piores e risíveis (na comédia), segundo os costumes ou a opinião comum. (ARISTÓTELES, 2008). O paralogismo permite que narrações feéricas, maravilhosas, irracionais, pareçam críveis e aceitáveis racionalmente. Assim, mesmo que irracional, este será preferível, se persuasivo, convincente e, para tanto, verossímil. Contra a acusação de que o poeta erra ao permitir o impossível, Aristóteles (2008) responde que este é desculpável se permite atingir a finalidade da arte, visando obter um bem maior, como oferecer modelos a serem seguidos ou provocar a catarse. E reforça: “*deve preferir-se o impossível verossímil ao possível inverossímil*”. (ARISTÓTELES, 2008). Verossimilhança é, portanto, a capacidade do texto de parecer real, de se fazer crível, pois:

Tanto nos caracteres como na estrutura dos acontecimentos, deve-se procurar sempre ou o necessário ou o verossímil de maneira que uma personagem diga ou faça o que é necessário ou verossímil e que uma coisa aconteça depois de outra, de acordo com a necessidade ou a verossimilhança. (ARISTÓTELES, 2008, p. 68)

A verossimilhança, segundo Aristóteles (2008), pode se dar de duas formas, apesar de ser uma classificação convencional, ou seja, uma simplificação para fins didáticos: externa ou interna à obra. A primeira diz respeito a realidade histórica do autor e do leitor/ouvinte. Utilizando termos hodiernos, diz respeito, ao “conhecimento de mundo” ou “contexto” compartilhando por quem escreve e quem lê ou assiste a obra. A segunda forma, diz respeito à organização do mito, de forma causal e necessária, visando a mimese e a catarse. A verossimilhança tem uma função primordial que não está desenvolvida em Aristóteles, mas é fundamental para supressão da descrença e para o entendimento do texto. Uma obra completamente original não seria compreensível e, totalmente previsível, não despertaria interesse. Aristóteles vincula a poesia à realidade, demonstra que a primeira se refere a segunda e não teria existência fora do mundo, pois se trata de uma arte mimética. Entretanto, ao mesmo tempo, defende sua autonomia, pois opera no campo do possível (verossímil) e não no campo do real, factível. O pensador liberta a arte de ser cópia da realidade.

CATARSE

O conceito de catarse não é desenvolvido na obra de Aristóteles (2008), ao menos na parte que sobreviveu aos séculos; mas, nas partes da obra em que faz referência, a define como uma ação nobre que gera temor e compaixão, realizando a depuração destas emoções. Estas sensações perturbadoras provocam um tipo de prazer mimético, como experiência arrebatadora e estética. Cabe ressaltar que o conceito de catarse tem origem religiosa e médica, significando purificação, espiritual ou física, que levaria à cura dos males, sejam estes da alma ou do corpo. Aristóteles retoma o termo e o amplia para um processo de ordem estética e psicológica, na qual, ao “sofrer” juntamente com a personagem a pessoa pode, para usar um termo atual, *trabalhar* sentimentos e sensações, mas também de “clarificação intelectual”. Entretanto, o Filósofo Estagirita não chega a desenvolver o tema, por achar desnecessário. (PEREIRA, 2008)

Para que o efeito catártico aconteça, o herói não deve ser totalmente bom ou mau, mas possuir um caráter mais humano, que equilibre virtude e vício, que seja, portanto, passível de incorrer em erro. Assim, na perspectiva de Aristóteles (2008), apesar da tragédia e da epopeia representarem seres humanos melhores que de fato são, não podem ser perfeitos, pois assim não seria possível a identificação e a purgação das emoções. A

fruição sentida por uma música ou um filme que nos leva ao choro e pela sensação de “leveza” produzida depois da experiência são exemplos do efeito catártico hodiernamente, por isto, músicas tristes como os Noturnos de Chopin³ são prazerosas de serem ouvidas. Cabe concluir invocando a própria poesia: Fernando Pessoa (2011) ilustra o caráter mimético da arte, que não é mera cópia da realidade, mas também seu efeito catártico, no poema transcrito abaixo:

O POETA é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Ao “fingir” a dor, o poeta não reproduz a realidade, mas cria a partir dela. A pessoa que lê, por sua vez, sente-se identificada com as emoções expressas e com a purificação destas: “na dor lida sente bem”. Todavia, esta dor não a afeta de maneira definitiva como se fosse real, noção expressa no verso: “mas só a que eles não têm”. Logo, certo alívio compõe o prazer da fruição estética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aristóteles procura descrever as formas poéticas de seu tempo, como bom cientista que foi, a forma do que fez com a natureza. Mas, procura também restabelecer o estatuto da poesia que havia sido questionado por Platão, que a considerara falsa e perigosa, inadequada à cidade ideal. Assim, Aristóteles escreve a Poética, o primeiro texto a tratar

³ Frédéric François Chopin, compositor e pianista polonês, considerado o mais proeminente de seu país. Nasceu em 1810 e faleceu em 1849. Fez carreira em Paris, na França, importante centro cultural da época, onde obteve sucesso e reconhecimento. Compôs em diversos gêneros da música erudita, mas é frequentemente associado aos noturnos, peças para piano, que se adequavam ao espírito da época (romantismo), evocando imagens da noite e do luar, em tons de expressão lírica e dramática: uma atmosfera de intimidade e devaneio. (NIFC, 2020a; 2020b)

especificamente de teoria da literatura e do teatro. Sua produção permanece atual e pertinente, ao se pensar a importância da literatura, como representação da realidade, mas ao mesmo tempo sua independência do factível, ao mostrar que deve se atentar para uma espécie de coerência interna, a verossimilhança. Igualmente, o caráter de “purificação” das emoções, que se tornam “iluminadas”, pela experiência estética vivenciada. Entretanto, cabe ressaltar que a obra *A Poética* é bastante complexa e não se pretende afirmar que todos os seus conceitos sejam igualmente válidos na atualidade, cabendo, portanto, novos estudos que se dediquem a estas ideias, que ficaram “de fora” deste trabalho por questões de recorte e dimensão.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. 3ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. (Coleção Textos Clássicos)

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2009. (Biblioteca fundamental de cinema; 4 / direção: Francisco Ramalho Jr.)

COSTA, Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles**: Mímese e verossimilhança. 2ª edição, revista. 2ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2008. (Série Princípios; 217).

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones; introdução à edição de 1950 de E. V. Rieu. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**: Dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NIFC – Narodowy Instytut Fryderyka Chopina (The Fryderyk Chopin Institute). **Chopin Biography**. Varsóvia/Polônia: NIFC, 2020a. Disponível em: <<https://chopin.nifc.pl/en/chopin/zycie>>. Acesso em 13 de junho de 2020.

NIFC – Narodowy Instytut Fryderyka Chopina (The Fryderyk Chopin Institute). **Nocturnes**. Varsóvia/Polônia: NIFC, 2020b. Disponível em: <https://chopin.nifc.pl/en/chopin/gatunki/24_nokturny>. Acesso em 13 de junho de 2020.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Prefácio. In: ARISTÓTELES. **Poética**. 3ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

PESSOA, Fernando. Autopsicografia. In:_____. **Antologia poética**. Organização de Waldir Ayala, coordenação de André Seffrin. 9ª edição, revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

PLATÃO. **A República**: ou sobre a justiça, diálogo político. Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTORO, Fernando. Como anistiar o poeta exilado por Sócrates? **Anais de Filosofia Clássica**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ, ISSN 1982-5323, vol. 2, nº 4, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/16999>>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

SANTORO, Fernando. Sobre a estética de Aristóteles. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, ISSN 1981-4062, v. 1, nº 2, mai-ago/2007, p. 1-13. Disponível em: <<http://revistaviso.com.br/article/36>>. Acesso em: 10 de junho de 2020.